BITTENCOURT, João Batista de Menezes. 2015. *Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo*

São Paulo: Annablume. 292 pp.

Marco Aurélio Paz Tella

REFERÊNCIA

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. 2015. *Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo*. São Paulo: Annablume. 292 pp.

1 O agradável texto do antropólogo João Batista de Menezes Bittencourt é fruto da sua tese, defendida em 2011 no Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Foi durante o doutorado, entre 2007 e 2011, que Bittencourt acompanhou as experiências e as práticas de jovens adeptos do estilo de vida *straightedge* na cidade de São Paulo.

2 O texto tem uma destacada preocupação metodológica, desde a decisão do recorte territorial, da escolha por utilizar determinadas categorias, até o papel do pesquisador no campo. Bittencourt fez um mapeamento dos pontos de encontro desses jovens — restaurantes e sorveteria — que oferecem produtos alimentícios veganos, já que grande parte dos *straightedges* não consomem produtos de origem animal. Fez entrevistas, analisou tatuagens, capas dos discos e letras de músicas de bandas e esteve nos shows, que são os eventos primordiais para observar e interpretar a performance desses *straightedges*, no contato intenso entre os corpos. De acordo com o autor, só é possível analisar o microcosmo desse estilo de vida de acordo com o lugar que a performance ocupa em suas práticas.

3 Outra formidável contribuição metodológica é a própria dinâmica de pesquisador no campo. Fã do *hardcore*, estilo de música tocado nos shows, em muitos momentos do seu trabalho de campo o pesquisador demonstrou ao leitor como foi afetado pelos acordes das guitarras, pelo cenário dos shows e pela performance, muitas vezes participando das congregações e das experiências desse grupo. O antropólogo foi contagiado pela intensidade produzida por esse conjunto de agenciamentos.

4 O livro apresenta quatro capítulos, uma elucidativa introdução e considerações finais, em que conecta informações coletadas no trabalho de campo com seu suporte teórico. No primeiro capítulo, o autor apresenta considerações sobre a filosofia do estilo de vida *straightedge*, que, na língua portuguesa, significa "esquadro". Esse estilo surgiu em meados dos anos 1980, na cidade de Washington D.C., nos Estados Unidos. Embora nascido nas entranhas do movimento *punk* dessa cidade, preservando o perfil de resistência e oposição às diferentes formas de dominação, o *straightedge* é marcado pela aversão ao estilo de vida dos *punks*, à agressividade e à autodestruição do *punk* inglês. Os *straightedges* não consomem drogas (lícitas nem ilícitas), e grande parte deles são veganos. Eles acreditam que podem agir livres e limpos, sem interferência ou contaminação provocada pelo consumo de alucinógenos e de carne. Assim, supõem, terão total controle sobre o corpo, a mente e as atitudes. O esquadro foi escolhido como imagem para denominar o grupo porque transmite a ideia de postura equilibrada, com ângulos retos e estáveis.

5 Nesse mesmo capítulo, o autor mostra como o estilo chegou ao Brasil, primeiramente na cidade de São Paulo, e como outros elementos foram incorporados. A diferença com os *punks* ingleses começa pelo vestuário: moletons, tênis, shorts esportivos ou bermudas. O autor mostra como esse novo estilo de se vestir tem relação com a supervalorização dos hábitos saudáveis defendidos pelos jovens *straightedges*. Além desses marcadores, outros valores são destacados por esses jovens: "positividade, lealdade, autorresponsabilidade, orgulho e diversão" (:34). Dessa maneira, o estilo *straightedge* foi sendo configurado e somou-se a outras características: o desejo de uma vida saudável; a crítica ao sexo promíscuo (aqui há duas perspectivas: o respeito à mulher e a pureza relacionada à sexualidade, por isso se opõem ao excesso de parceiros ou ao sexo casual); e o interesse por lutas sociais, contra a pobreza e o sexismo, por exemplo.

6 De acordo com as informações reunidas em sua etnografia, Bittencourt constata que há mais diferenças do que semelhanças entre os *straightedges* brasileiros e os norte-americanos. No Brasil, grande parte dos jovens *straightedges* se definem como ateus, são engajados em movimentos anticapitalistas e contra desigualdades sociais. Mas o pesquisador frequentemente alerta o leitor sobre a dificuldade de enquadrar ou homogeneizar suas características.

7 Nas primeiras páginas do segundo capítulo, o autor retoma algumas das diversas bandeiras levantadas pelos *straightedges* e formula a seguinte questão: "o que leva esses jovens a aderirem a um estilo de vida pautado pela abstinência de certos 'prazeres' e a reivindicarem uma concepção de juventude assentada sob práticas ascéticas?" (:45).

8 Para compreender esse grupo e responder à questão, o autor habilmente se utiliza das categorias nativas. A ideia de "disciplina", para esses jovens, funciona como o controle do próprio corpo e da mente, pois, sóbrios, são mais questionadores e conscientes de suas atitudes e das bandeiras que defendem. O pesquisador nos traz ricos depoimentos de jovens que assinalam que o consumo de substâncias psicoativas, de entorpecentes e

de alucinógenos afeta diretamente a estratégia dos *straightedges* de controlar de modo eficiente a mente sobre o corpo. Portanto, a disciplina, como prática de resistência cotidiana de grande parte dos *straightedges* brasileiros, está na abstinência do consumo de drogas lícitas e ilícitas e nos hábitos alimentares veganos. Mas, além de construir distinções, esse estilo pode construir hierarquias, como bem alerta o autor, ao separar os capazes daqueles que não o são, o limpo do sujo, o consciente do não consciente, o forte do fraco ou covarde, o que tem várias parceiras sexuais do que só tem uma etc.

9 As análises de Bittencourt foram abundantemente alicerçadas, em diversos momentos, pelos conceitos de Guatarri e Deleuze — rizoma, molar e molecular, territorialização e desterritorialização, máquina de guerra —, importantes para compreender os devires, os afetos, as resistências cotidianas, as ideias de (micro) política, a relação com os próprios corpos e com os dos outros, a disciplina etc. Por exemplo, esse suporte teórico foi importante para compreender a contribuição *hare krishna* para o estilo *straightedge* brasileiro. As influências desse movimento religioso podem ser identificadas no estilo de música, que passa a ser denominada de *krishna core*, e na temática da sexualidade, em que a abstinência sexual ou a crítica ao sexo casual se relacionam com a purificação do corpo — convém lembrar que o objetivo dos *straightedges* é de manter distantes os prazeres e os excessos que podem prejudicar o controle sobre a mente e o corpo.

10 No capítulo 3, o antropólogo imerge o leitor no evento denominado de Verdurada, com uma densa descrição produzida não apenas pelo observador, mas também, como diz Bittencourt, por alguém que se deixa envolver pelas intensidades e pelas experiências proporcionadas pelos jovens e pelo ambiente. O propósito do Verdurada, organizado por pessoas envolvidas com a cena *punk- hardcore* da cidade de São Paulo, é divulgar o estilo de vida *straightedge* por meio de palestras sobre temas políticos, oficinas, projeções de filmes, debates e muita música. No final da apresentação da última banda, é distribuído um jantar vegano. A denominação "Verdurada" é para marcar posicionamento político a favor do veganismo, em oposição às "churrascadas" e às "cervejadas".

11 Nas Verduradas, não se podem comercializar ou consumir bebidas alcoólicas, cigarros, outras drogas lícitas e ilícitas e produtos de origem animal. É nas Verduradas que os *straightedges* se encontram mais territorializados, conectados aos ideais desse estilo de vida. Também não há sexualização dos corpos. Bittencourt observou que não há trocas de carícias ou carinhos entre os jovens na Verdurada. O pesquisador apresenta uma análise dos paradoxos dos discursos de jovens, quando questões de gênero e de sexualidade aparecem nas conversas e nas entrevistas. Os comportamentos veementes reprováveis — tanto pelo público quanto pelas bandas — são as manifestações racistas, homofóbicas, sexistas, xenófobas etc.

12 No capítulo final, o autor descreve e analisa duas festas que ajudam o leitor a compreender a diversidade do estilo de vida e as experiências *straightedge*: *Animal Liberation Fest* e *Queerfest*. Para o pesquisador, a festa é como um ritual, que objetiva quebrar a rotina. Bittencourt se apoia em Maffesoli, quando ele fala que a festa proporciona a "soltura das amarras" para que, momentaneamente, sejam desconstruídas as identidades fechadas das pessoas, e que elas possam experimentar os afetos que circulam naquele espaço.

13 O *Animal Liberation Fest* foi organizado por jovens *straightedges* em parceria com jovens *hare krishma* e bandas *krishnacore*. Além de proporcionar o encontro desses grupos, serviu para divulgar o veganismo e denunciar práticas de tortura contra animais em

granjas, abatedouros etc. Os organizadores dessa festa defendem mudança na legislação para assegurar liberdade e igualdade no tratamento aos animais, semelhante ao concedido aos seres humanos. O *Queerfest* — referência à teoria Queer — é organizado por um coletivo LGBTT paulistano, que deseja debater questões sobre homossexualidade, homofobia, lesbofobia e sexualidade na cena *punk/core*, por meio de shows e palestras. Nessa cena, percebem-se diferentes cartografias entre os jovens que se reconhecem como *punks*, outros, como adeptos do *hardcore*, e outros, como *Queercore*. Ao compreender essa cartografia e seus microcosmos, o pesquisador percebeu as afinidades, os distanciamentos e os posicionamentos desses grupos.

14 O livro de Bittencourt faz uma reflexão sobre a heterogeneidade das culturas juvenis ao desconstruir percepções e conceitos estabelecidos sobre suas práticas e estilos de vida. Ao revelar a mistura da sua percepção com a percepção dos sujeitos da pesquisa, sem renunciar a sua responsabilidade como antropólogo, o autor aponta uma espécie de coautoria. Essa é uma diferença importante, que seguramente contribui para a discussão da temática das culturas juvenis.

AUTORES

MARCO AURÉLIO PAZ TELLA

UFPB